



VERSÃO COM A PRESERVAÇÃO DE IMAGENS

# DESCRIÇÃO DE PRÁTICAS DE LINGUAGEM EM CONTEXTO DE PESQUISA

Linguagens e Diferenças na Diversidade  
Professora: Dr<sup>a</sup> Aryane Santos Nogueira  
por (Kiko) Francisco Arquer Thomé



## DESCRIÇÃO DE PRÁTICAS DE LINGUAGEM EM CONTEXTO DE PESQUISA

A proposta deste trabalho é trazer uma descrição relacionada à lingua(gem) e diversidade num cenário sociolinguístico específico, respondendo à solicitação avaliativa do Módulo FE195 - Seminário Avançado II - Linguagens e Diferenças na Diversidade, das professoras Aryane Santos Nogueira e Lilian Cristine R. Nascimento.

Por não se tratar de um artigo científico, eu me desafiei a criar uma apresentação no modelo revista, intercalando de informações a referências, de desenhos a fotografias.

**Espero que este  
trabalho lhe pareça  
multimodal**

voltaremos a falar sobre isso







(Renata Carvalho/Ag. A Tardel.)

## QUAL O CENÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO QUE ESTÃO OLHANDO?

### ▶ O olhar no macro

O MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - é um movimento histórico brasileiro que remete sua formação à resistência camponesa frente a concentrações latifundiárias que advêm das *plantations* e da era da abolição do tráfico de escravos (século XIX), e também no combate aos modelos agrários concentradores e excludentes implantados pela ditadura militar do século XX (MST, 2021a) (RODI, ANDRADE, 2023).

Em 1984, pequenos agricultores, posseiros, pessoas atingidas por barragens, migrantes e meeiros decidem fundar um movimento camponês nacional. O grupo se fortaleceu e, junto ao apoio de sindicalistas, teve representatividade na construção da nova constituinte. Desde então, seus movimentos estão embasados nos artigos 184 e 186 da Constituição de 1984, “que garantem a desapropriação de terras que não cumpram sua função social” (MST, 2021a).



Desenho em: <https://mst.org.br/2020/04/23/desenhar-em-tempos-de-quarentena-mais-uma-acao-do-mst-no-combate-ao-covid-19/>

Sua história agrega a agricultura familiar, marchas populares, experiências de violência e massacres, debates sobre o agronegócio, agroecologia, agrotóxicos, reforma agrária e saúde popular, além de se posicionar junto aos Direitos Humanos, às mulheres e às minorias sociais. O MST nacional conta com 450 mil famílias acampadas, é considerado o maior produtor de arroz orgânico do país (LEMONS, 2022), e se posiciona como um movimento “que procura articular e organizar os trabalhadores rurais e a sociedade para conquistar a Reforma Agrária e um Projeto Popular para o Brasil.

## O olhar no micro

O Acampamento Marielle Vive (MST) é localizado na Estrada do Jequitibá, Vila Sônia, na cidade de Valinhos, interior de São Paulo. Ele foi fundado em 2018, e leva seu nome em homenagem à vereadora e ativista Marielle Franco, assassinada um mês antes.

O Acampamento é formado por 450 famílias que se assentaram na Fazenda Eldorado Empreendimentos Imobiliários, relatado pelo MST como uma fazenda que cometeu crimes constitucionais e “que não cumpre a função social da terra, degrada o solo e o meio ambiente” (MST, 2021).

Enquanto é desenvolvido este trabalho, ainda há processos de reintegração de posse, e há riscos constantes de despejo das famílias alojadas.



Horta agroecológica em formato de mandala do acampamento Marielle Vive do MST em Valinhos SP - outubro 2020 Foto: MST SP



A história dessas famílias é constante e é embatida por hostilidades. Em 2019, durante uma manifestação por acesso à água, uma caminhonete acelerou contra os manifestantes e os atropelou. Entre as vítimas, morreu um senhor chamado Seu Luís, “um nordestino que, como tantos homens e mulheres, tinha migrado à região sudeste do Brasil em busca de trabalho” (MST 2021b). Seu Luís morreu enquanto segurava uma placa com a inscrição “Água Para a Vida e não Para a Morte”, e em homenagem, dentro do Acampamento, foi nomeada a Escola Popular Luís Ferreira.



No Acampamento, crianças e adolescentes vivem em situações de risco e vulnerabilidade social (morando em barracos de lona, sem energia elétrica, sem esgotamento sanitário, com acesso pontual à água, cerceados por comunicações de massa que os avilta, e com constantes ameaças de despejo), e mesmo assim se envolvem em encontros educacionais, em tarefas organizadas pela comunidade, em eventos de cidadania, de agroecologia, e também em trabalhos pedagógicos com linguagens.

## SETORES

Educação,  
Almoxarifado,  
Cozinha,  
Esporte/Cultura,  
Produção,  
Saúde,  
Segurança,  
Secretaria  
Infraestrutura.

Os espaços são separados por categorias de ação, havendo os Setores da Educação, Almoxarifado, Cozinha, Esporte/Cultura, Produção, Saúde, Segurança, Secretaria e Infraestrutura. Os setores conversam e proporcionam ações educativas combinadas.

## Minha presença

De antemão, coloco que meu olhar sobre o Acampamento Marielle Vive é micro-etnográfico, usando a perspectiva de Lemke (2006), tendo ciência que minha própria presença no local já altera a naturalidade e espontaneidade das convivências. Por isso, a seguir, não serei laudatório, e sim apenas colocarei as palavras e os termos que se repetem nas conversas que tive, nas atividades lúdicas que presenciei, e também em comunicações e em materiais didáticos trabalhados pelo Movimento.



O espaço do Acampamento envolve encontros educacionais, em tarefas organizadas pela comunidade, em eventos de cidadania, de agroecologia, e também em trabalhos pedagógicos com linguagens.

Nesse sentido, para compreender a dimensão educativa desse protagonismo, coloca-se um olhar sobre a “Ordem do Discurso” apresentada por lá. Essa Ordem do Discurso é conceituada pela NLG (GRUPO, 2021) como convenções associadas e atividades semióticas em um espaço social, e são constituintes dos designs disponíveis. Mais que isso, ela inclui “uma mistura de diferentes sistemas semióticos, (p. 121) e também “visa capturar a maneira como os diferentes discursos se relacionam uns com os outros” (p. 121).

Assim, busco perceber quais são os temas mais comunicados no Acampamento, tendo ciência que isso influencia na construção de significados de seus moradores, de suas a práticas locais e repertórios (multi)culturais.

## Meaning-Making

**Meaning-making**, traduzido como “construção de significados”, é abrangente em inglês e está em diversas áreas do conhecimento. Na educação, encontramos ele atrelado às formas que os aprendizes interpretam e compreendem suas experiências vividas, os conhecimentos intrapessoais e sociais.





## O MULTIMODAL



Faço questão de apresentar um trabalho com imagens, textos, links, qrcodes, com um layout variado, colorido, enfim, uma apresentação multimodal.

Isso simplesmente é para conversar com o objeto do meu olhar, já que a multimodalidade é o princípio dos trabalhos do Acampamento.

O MST de Valinhos tem diversos encontros educacionais, apresentações de teatro, circo, encontros educacionais, eventos e trabalhos pedagógicos com linguagens: como a Ciranda (com crianças de 1 a 6 anos), cursos de agroecologia, alfabetização (Método Cubano - Yo, sí puedo) e a formação da juventude; e outras pontuais, como exposição de fotos de luta e resistência (ato político-cultural), feiras agroecológicas, o Ciclo de Arpilleras (combate à violência doméstica), etc.

## HÁ MULTILETRAMENTOS NO ACAMPAMENTO?

Ao observarmos os termos, conceitos e palavras que são repetidos (e trabalhados) diariamente pela comunicação do Acampamento, podemos trazer o conceito de Lim, Cope e Kalantzis (2022).

Os autores postulam que os letramentos multimodais podem mediar as atuais desigualdades sociais e mover os defensores dos multiletramentos à contribuição com a justiça educacional (p. 13). Mais que defensores, a *New London Group* (NLG) agrega a pluralidade, a diversidade linguística e a percepção sobre as diferenças, trazendo a diversidade local e o pertencimento global como habilidades que respondem à ótica dos multiletramentos. (CAZDEN et al, 1996, p. 61 e 82).

Rojo (2019) também opera em cima do conceito de multiletramentos, ao chamar a atenção para uma educação linguística adequada a um alunado multicultural da contemporaneidade, realçando a pluralidade, as diferenças e a escrita colaborativa para uma prática multiletrada.

Percebemos que, os temas conversados repetidamente com os moradores do MST, estão alinhados aos multiletramentos, ao reconhecimento de uma sociedade que está se transformando, agregando a pluralidade, a diversidade linguística e a percepção sobre as diferenças.

O termo “multiletramentos”, seguindo a NLG como eixo norteador, é um conceito que bebe na fonte dos “novos letramentos”, os quais incluem a concepção das práticas sociais, agregando os letramentos críticos e buscando alterações de ordem social com estímulo à cidadania.



**OLHA LÁ! OLHA LÁ! ACHO QUE ESSAS PALAVRAS SÃO DECOLONIAIS.**



Ao observar os interesses e as relações de poder no Acampamento Marielle Vive, é basilar ter em mente o sofismo da neutralidade textual, que pode ser amparado na alteridade e na assimilabilidade discursiva de Bakhtin (2017), e no alerta de Hanks (2019), a qual destaca que “textos são construções sociais de perspectivas particulares; eles nunca são neutros” (p. 306)

**COLETIVOS**

LGBT,  
Comunicação,  
Formação  
Juventude.

Levando isso em conta, os contextos e as relações de poder podem ser visitados pelo olhar do modelo independente de instrução de Janks (2019) para o letramento crítico, pensando nas dimensões de poder, diversidade, acesso e design/redesign.

A autora traz à educação o pertencimento de debates sobre o “antirracismo, branquidade, feminismo, pós-colonialismo, orientação sexual, linguística crítica, pedagogia crítica, abordagens socioculturais e críticas para o letramento, e análise crítica do discurso” (p. 305) (tradução minha), e temas que convergem (e conversam) com os chamados “Coletivos” do Acampamento Marielle Franco: há os Coletivos LGBT, Comunicação, Formação e Juventude.

O contexto de vulnerabilidade social do Acampamento é hostilizado diretamente pelo o que Rufino (2021) entende como “colonialismo”. Para o autor, esse é um evento que opera no ataque aos seres, produzindo “assassinatos, encarceramentos, tortura, estupro, humilhação, subordinação, esquecimento e desvio existencial” (p. 5).

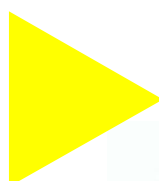
Destarte, ele propõe uma “educação como descolonização”, que diz acerca de “práticas cotidianas; pertencimentos coletivos; fortalecimento comunitário; ética responsiva; aprendizagens; e circulação de conhecimentos que reposicionem e vitalizem os seres atravessados pela violência colonial.” (p. 8 - 9).



<https://centrodeestudosambientais.wordpress.com/2010/01/30/policia-prende-nove-militantes-do-mst-por-acao-contra-cutrale/>



<https://mst.org.br/tag/agricultura/>



<https://vermelho.org.br/2019/11/28/luis-fernando-verissimo-a-luta-pela-terra-esta-cheia-de-sangue/>



É também Andrade (2022) que, ao conceituar passo a passo os multiletramentos decoloniais translingües, aponta a importância da “lógica decolonial” nas práticas educativas. O autor também se apoia em Street (apud 2014) e na NLG (apud [1996] 2021), e destaca que o pressuposto decolonial:

1 - enxerta de ideologia as práticas de ensino de leitura, 2 - entende que o ensino não deve ser reproduzidor de um currículo produzido por esferas de poder que não reconhecem a realidade de cada comunidade escolar, 3 - evidencia a necessidade de partir de temas transversais para analisar como a linguagem é problema central nas práticas discursivas multiletradas (p. 38).



“

**as ideologias linguísticas nunca são apenas sobre a linguagem, mas também dizem respeito a noções sociais fundamentais como comunidade, nação e a própria humanidade.**

(MAKONI, PENNYCOOK, 2006, p. 20)

”

*linguistic ideologies are never just about language, but rather also concern such fundamental social notions as community, nation, and humanity itself.*

## ▶ Diálogos do material **Viver é Lutar! Construir Reforma Agrária Popular!** (2022)

- Lutar
- Escola é para todos?
- O que é necessário para que todos possam continuar na escola?
- Quem decide o que é menino e o que é menina?
- Quem decide o que é trabalho de menino e trabalho de menina?
- Todos têm que trabalhar na infância?
- Por que o homem ganha mais do que a mulher?
- O fazendeiro não trabalha na terra.
- Que festas realizamos em nossa comunidade?
- O povo tem cultura.
- Na fazenda não se produz alimento saudável.
- Quem trabalha no campo e na cidade é explorado.
- O que leva as pessoas a decidirem se acampar?
- Quando começou a luta pela terra no Brasil?
- O povo resiste!
- A luta segue em frente!
- De que maneira acampar muda a vida das pessoas?
- O que o povo aprende na luta?
- Alimentos saudáveis, seres humanos saudáveis.
- Um povo só marcha para a libertação, quando caminha com sua cultura.
- Sem luta há conquista?
- Todas as famílias têm sonhos.
- O assentamento é um território coletivo.
- Reforma Agrária é mais do que terra.
- Por que somente a horta é orgânica?
- Alimento é saúde.
- O que é viver com saúde.
- Todas e todos Sem Terra estudando.
- “A Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”.
- Vamos retomar a Agroecologia?
- Um problema de todos.
- As mulheres participam das decisões?
- Trabalhar de empregado na cidade.
- As famílias assentadas precisam pagar diárias?
- Nem todos lutam, mas todos se beneficiam.
- Somos todos e todas Sem Terra!
- Por que é difícil respeitar a diversidade?
- O que vocês fazem?
- Água é Vida!
- O que é Agroecologia para nós?
- Precisamos mudar nosso modo de produzir e viver no campo.
- Seguiremos lutando?
- Seguir enfrentando nossos inimigos de classe.
- Viver é lutar! E construir a reforma Agrária Popular!!!



**Material Completo**





## Contextos de Comunicação Eletrônica

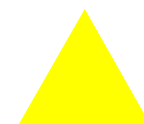


MST  
produção  
história agrária  
agrotóxicos  
educação  
terra  
lutas  
meio ambiente  
agroecologia  
agronegócio  
vida  
agroecológico  
direitos populares  
conquistas  
proteção  
biomas  
...



produz

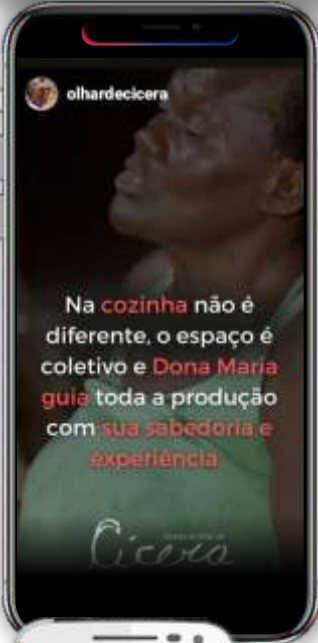
trabalho



luta  
terras  
direito



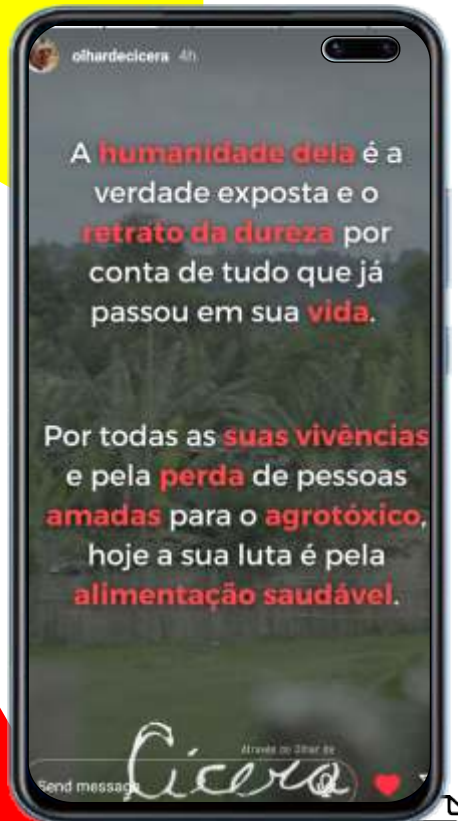
Video short



forte  
guia  
potente  
coração  
vida



atravessamento  
alimentação saudável



produção sabedoria  
experiência humanidade  
dureza agrotóxico





## FINITUDE PROVISÓRIA

Os discursos do MST são mostras evidencializadas de práticas educativas de leitura e escrita pelas óticas multimodal e decolonial. Também há impactos e aprendizados produzidos pela participação dos moradores na construção de alterações de ordem social com estímulo ao pluralismo cívico (GRUPO, 2021, p. 114) e à cidadania.

As conversas, os temas, palavras, comunicações, sentidos e representações fortalecem constantes debates sobre as desigualdades sociais, e move seus defensores à contribuição com a justiça educacional (LIM, COPE, KALANTZIS, 2022, p. 13), à multidirecionalidade, à multiparticipação, além de exigirem uma renovação que evidencie a formação crítica e cidadã (MONTE MÓR, 2013; CAZDEN et al, 1996, p. 61 e 82).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, F. R. S. Implicações Pedagógicas dos Multiletramentos Decoloniais Translíngues para o Ensino de Leitura. Revista Leia Escola. Vol. 22. nº1. abril 2022. p. 29-42.

BAKHTIN, M. A Estética da Criação Verbal. Tradução de Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

CAZDEN, C. et al. A pedagogy of multiliteracies: Designing social futures. Harvard Educational Review; n. 66.1, p. 60-92, Spring 1996.

GRUPO NOVA LONDRES. Uma Pedagogia dos Multiletramentos. Projetando Futuros Sociais. Tradução de Deise Nancy de Moraes, Gabriela Claudino Grande, Rafaela Saleme Bolsarin Biazotti, Roziane Keila Grandó. Revista Linguagem em Foco, v.13, n.2, 2021. p. 101-145. Disponível em <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/5578>.

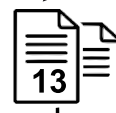
JANKS, H. Domination, Access, Diversity and Design: a synthesis for critical literacy education. Educational Review. Vol. 52. n. 2. 200. 2019. p. 175-186

LEMKE, J. Toward Critical Multimedia Literacy: Technology, REsearch, and Politics. in International Handbook of Literacy and Technology. Volume Two. IEA 2006. New Jersey. Lawrence Erlbaum Associates. 2006.

LEMOS, V. MST: maior produtor de arroz orgânico do Brasil, movimento vive dificuldades para comercializar o grão. BBC News Brasil em São Paulo. 1 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62746336> Acesso em 17 abril 2023.

LIM, F. V.; COPE, W.; KALANTZIS, M. A Metalanguage for Learning: Rebalancing the Cognitive with the Socio-Material. Frontiers in Communication. 04 February 2022 Sec. Multimodality of Communication. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fcomm.2022.830613/full>. Acesso em: 27 de jul. 2022.

Tem mais referências.



MAKONI, S. PENNYCOOK, A. Disinventing and Reconstituting Languages. Clevedon: Multilingual Matters Limited, 2006

MONTE MÓR, W. The Development of Agency in a New Literacies Proposal for Teacher Education in Brazil in E. S. Junqueira e M. E. K. Buzato (orgs) New Literacies, New Agencies? A Brazilian Perspective on Mindsets, Digital Practices and Tools for Social Action In and Out of School. 2013. Nova York: Peter Lang Publishers, p 126-146

MST - Acampamento Marielle Vive! em São Paulo: entenda a história de luta e resistência. Editorador por Solange Elgelmann. Resistência. Notícias. 1 de dezembro de 2021a. <<https://mst.org.br/2021/12/01/acampamento-marielle-vive-em-sao-paulo-entenda-a-historia-de-luta-e-resistencia/>> Acesso em 17 de abr 2023.

MST - O MST: Nosa história. 2021b. Disponível em <<https://mst.org.br/nossa-historia/inicio/>> Acesso em 17 de abr.2023.

RODI, V. S.; ANDRADE, R. Paisagem-inovação-política: práticas contra-hegemônicas no Acampamento Cícero Guedes (MST). Dossiê: território e inovação • Cad. Metropole 25 (56) • Jan-Apr 2023. Disponível em<<https://www.scielo.br/j/cm/a/pCGmycd5gbmTvkyMm5h8zmF/?lang=pt>> Acesso em 17 de abr. 2023.

ROJO, R. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: ROJO, R. Escol@ Conectada. Os multiletramentos e as TICs. . São Paulo: Parábola. 2019. p. 13-36.

RUFINO, L. Vence-Demanda. Educação e Descolonização. Rio de Janeiro: Mórula Editorial. 2021

Este trabalho possui uma versão exclusiva para o Módulo Linguagem e Diferença na Diversidade, FE195 - Seminário Avançado II.

As fotografias, quando não referenciadas em si, foram tomadas por mim, **Francisco Arquer Thomé**. Elas foram doadas a Marília Fonseca, responsável pela Comunicação do Acampamento Marielle Vive.

As imagens são de divulgação e foram disponibilizadas nos canais de comunicação do Acampamento. Mesmo assim, para outros fins, reservo novas versões deste trabalho preservando as identidades dos participantes.



kikoarquer@gmail.com

Ou me mande um Whats 😊

